

## A *live* como ferramenta de divulgação científica de produtos educacionais de formação para a diversidade sexual e de gênero na Educação Profissional e Tecnológica

*The live as a tool for the scientific dissemination of educational training products for sexual and gender diversity in Professional and Technological Education*

Recebido: 08/09/2021 | Revisado:  
08/12/2021 | Aceito: 20/12/2021 |  
Publicado: 21/12/2021

**Fábio Soares da Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4322-5552>

Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Rio de Janeiro  
E-mail: [fabio.silva@ifrj.edu.br](mailto:fabio.silva@ifrj.edu.br)

**Leonardo Leônidas de Brito**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4823-0521>

Colégio Pedro II  
E-mail: [leonardo.brito.1@cp2.edu.br](mailto:leonardo.brito.1@cp2.edu.br)

**Como citar:** SILVA, F. S.; BRITO, L.L.; A *live* como ferramenta de divulgação científica de produtos educacionais de formação para a diversidade sexual e de gênero na Educação Profissional e Tecnológica. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, [S.l.], v. 2, n. 21, p. e12884, dez. 2021. ISSN 2447-1801.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 Unported License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

### Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir a utilização das mídias sociais digitais, em especial a *live*, para a promoção da divulgação científica de produtos educacionais de formação para a diversidade sexual e de gênero na Educação Profissional e Tecnológica - EPT. O trabalho se constituiu a partir de uma pesquisa de mestrado que investigou como um programa de *lives* pode contribuir para divulgar conhecimentos e tecnologias educacionais, produzidos no âmbito do mestrado profissional em rede – ProfEPT, que estivessem voltadas à formação para a diversidade e inclusão no contexto da EPT. No que diz respeito aos aspectos metodológicos, compreende uma abordagem qualitativa e exploratória. A produção dos dados se deu a partir da realização de uma *live* sobre diversidade e inclusão no *Facebook* que contou com a participação de dois mestres egressos do ProfEPT e também por meio da aplicação de questionários, tanto aos pesquisadores que participaram como convidados, como aos espectadores que assistiram à transmissão. Dentre os resultados aponta-se (i) a originalidade da iniciativa em relação a apropriação da ferramenta *live* para a promoção da divulgação científica, haja vista que a prática de utilização das mídias sociais digitais entre as instituições produtoras de ciência e tecnologia no contexto da EPT ainda é pouco difundida; e, (ii) a visibilidade dada a trabalhos e produtos educacionais desenvolvidos por pesquisadores LGBTI+ no contexto da EPT.

**Palavras-chave:** Diversidade e Inclusão; Divulgação Científica; Mídias Sociais Digitais; Educação Profissional e Tecnológica; ProfEPT.

### Abstract

This article aims to discuss the use of digital social media, especially the *live*, to promote the scientific dissemination of educational products for training for sexual and gender diversity in Professional and Technological Education - EPT. The work is based on a master's research that investigated how a *live* program can contribute to disseminate knowledge and educational technologies, produced under the professional master's network - ProfEPT, which were aimed at training for diversity and inclusion in the context of the EPT. With regard to methodological aspects, it comprises a qualitative and exploratory approach. Data production was based on a *live* about diversity and inclusion on *Facebook*, with the participation of two professors who graduated from

ProfEPT, and also through the application of questionnaires, both to researchers who participated as guests, and to spectators who watched the broadcast. Among the results, (i) the originality of the initiative in relation to the appropriation of the live tool for the promotion of scientific dissemination is pointed out, given that the practice of using digital social media among institutions that produce science and technology in the context of EPT is still not widespread; and, (ii) the visibility given to educational works and products developed by LGBTI+ researchers in the context of the EPT.

**Keywords:** Diversity and Inclusion; Scientific divulgation; Digital Social Media; Professional and Technological Education; ProfEPT.

## 1 INTRODUÇÃO

Uma questão que se coloca ainda como um desafio às instituições que trabalham com pesquisa no Brasil, como as Universidades, Institutos Federais e outras organizações, diz respeito à divulgação do conhecimento científico. Parte considerável da produção desse tipo de conhecimento ainda é pouco divulgada e acessada pela população brasileira. No caso específico da pesquisa relacionada à diversidade e inclusão na Educação Profissional e Tecnológica – EPT, essa realidade não é diferente.

Sendo assim, merecem especial atenção as mídias sociais digitais, que, se antes já haviam promovido uma verdadeira “revolução”, no campo da Comunicação Social, quem dirá agora, no cenário mundial recente, com advento da pandemia da Covid-19.

Com a instituição mundial do isolamento social físico, em decorrência da pandemia do vírus SARS-CoV-2, as mídias sociais ganharam ainda mais força e se impuseram como meio predominante de interação social, divulgação, produção e compartilhamento de conteúdos. Todos os dias milhares de *lives*, reuniões e conferências online, webinários e outras atividades virtuais acontecem pelo mundo. Uma nova cultura, em que as relações sociais e a produção de conhecimento são mediadas pelas tecnologias da informação e comunicação (TIC), especificamente via mídias sociais, vai se expandindo, aparentemente, de maneira irreversível.

Neste contexto, um dos autores, a partir de sua experiência enquanto professor de instituição da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica - RFEPCT e estudante do mestrado profissional (em rede) em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT e do curso de graduação em Comunicação Social, criou em julho de 2020 um programa de *lives* destinado à divulgação de conteúdos da Educação Profissional e Tecnológica - EPT, especialmente aqueles conhecimentos e tecnologias educacionais produzidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. De julho a dezembro de 2020 foram realizadas 22 *lives* com a participação de mestrandos, mestres egressos, docentes, coordenadores do ProfEPT e outros atores da EPT, de diferentes partes do país.

Este artigo se origina a partir da pesquisa de dissertação de mestrado de um dos autores que teve por objetivo investigar como a realização de um programa de

*lives* no *Facebook* contribui para a divulgação de conhecimentos e tecnologias educacionais sobre diversidade e inclusão na EPT.

Aqui serão apresentados os resultados referentes à análise dos conteúdos produzidos a partir da realização de uma das *lives* que tratou de diversidade sexual e de gênero e dos questionários aplicados aos pesquisadores convidados e os espectadores participantes.

Inicialmente apresenta-se parte do quadro teórico que fundamentou a investigação, discutindo-se a formação para a diversidade na EPT a partir da teoria unitária da intelectual marxista Cinzia Arruza; e, a utilização das mídias sociais digitais para divulgação científica. Em seguida expõe-se os resultados e as discussões da pesquisa.

## **2 CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA UNITÁRIA DE CINZIA ARRUZA PARA SE PENSAR A FORMAÇÃO PARA A DIVERSIDADE A PARTIR DO MATERIALISMO HISTÓRICO**

Diante da multiplicidade de lentes que podem ser utilizadas para olhar de perto e conhecer melhor a realidade e considerando a história da estruturação do campo de estudos sobre a EPT no Brasil, a abordagem sobre diversidade sexual e de gênero é aqui orientada pelo viés marxista.

A maior parte dos estudos sobre diversidade têm sido produzidos a partir da epistemologia pós-estruturalista. Kuenzer (2021) ao mencionar Moraes e Debord adverte que tal abordagem promove um “recuo da teoria”, rompendo dessa forma com a categoria práxis. Nessa lógica, a produção da teoria já não mais se faz a partir do confronto entre pensamento e materialidade e sim pelo embate de discursos. Ao negar que o conhecimento intelectual resulta da relação trabalho intelectual e atividade, o pós-estruturalismo nega também a possibilidade de transformação da realidade. A autora assinala ainda que a práxis não se encerra na relação teoria-prática, ao contrário, “*traz a relação entre teoria e prática visando a transformação da realidade, visando a inclusão dos excluídos*” (KUENZER, 2021).

Dentre as exclusões que o capitalismo enquanto modo de produção da existência promove, estão aquelas relacionadas com a opressão de gênero e sexualidade.

Ao fazer referência aos trabalhos que têm sido desenvolvidos sobre opressões de gênero e capitalismo nas últimas décadas, Arruza (2015, p.36), assinala:

[...] uma coisa é “descrever” um fenômeno ou um grupo de fenômenos sociais, no qual a conexão entre capitalismo e opressão de gênero é mais ou menos evidente. Outra coisa é dar uma explicação “teórica” para essa relação estrutural, que possa ser identificada com esses fenômenos e seus modos de funcionamento. É crucial, neste caso, perguntar se existe um “princípio organizativo” que explica essa conexão.

Em seguida a autora analisa três teses, que para ela seriam as mais interessantes sugeridas até então, a saber: A primeira é a “*Teoria dos sistemas duplos ou triplos*”, para a qual gênero, sexualidade e relações etnicorraciais são considerados sistemas autônomos que ao mesmo tempo em que se combinam ao capitalismo e remodelam as relações de classe, sofrem alterações por parte dele, “em um processo de interação recíproca”. Arruza (2015, p. 36-37), ressalta que:

Dentro dos círculos materialistas feministas, essas reflexões são normalmente associadas à noção de que as relações de gênero e raça são sistemas de opressão tanto quanto são relações de exploração. No geral, estas teses têm uma compreensão das relações de classe como definidas unicamente em termos econômicos.

A segunda tese é a do “*Capitalismo Indiferente*”, que alega que as opressões de gênero são originárias de sistemas de produção anteriores ao capitalismo, onde predominava o patriarcado que determinava a divisão sexual do trabalho. Para essa visão, ressalta Arruza (2015, p. 37):

O capitalismo é em si indiferente às relações de gênero e pode superá-las de tal forma que o patriarcado como sistema seja dissolvido em países capitalistas avançados, na medida em que as relações familiares sejam reestruturadas de formas bastante radicais. Em suma, o capitalismo tem uma relação essencialmente oportunista com a desigualdade de gênero: usa o que acha benéfico das relações de gênero existentes, e destrói o que se torna um obstáculo.

Já a terceira, que é a tese defendida por Arruza, é da “*Teoria Unitária*”. Para esta tese não existe, nos países capitalistas, um sistema patriarcal que seja autônomo ao capitalismo. E isto não significa ignorar a existência da opressão de gênero nas relações sociais e interpessoais e nem tampouco a colocar como uma simples “consequência mecânica ou direta do capitalismo”. Arruza (2015, p.38), pontua:

Em resumo, a teoria unitária não é reducionista ou economicista, e não subestima a centralidade da opressão de gênero. Proponentes da “teoria unitária” discordam da ideia de que o patriarcado seria hoje um sistema de regras e mecanismos que autonomamente se reproduzem. Ao mesmo tempo, insistem na necessidade de considerar o capitalismo não como um conjunto de leis puramente econômicas, mas antes como uma complexa e articulada ordem social, uma ordem que tem seu núcleo constituído de relações de exploração, dominação e alienação.

Para a autora um dos equívocos das concepções dualistas apresentadas anteriormente é o fato de considerarem que a análise da “crítica marxista da economia política” é feita exclusivamente por meio de categorias econômicas. Neste sentido “*Esta abordagem pareceria inadequada para entender um fenômeno complexo tal*

*como a multiplicidade de relações de poder, ou práticas discursivas que nos constituem como sujeitos*”, enfatiza Arruza (2015, p. 52).

Um dos aspectos da crítica marxiana sobre a economia política discutidos por Arruza (2015) e que a auxiliam a fundamentar a teoria unitária é a unidade indivisível formada pela produção e reprodução.

Em outras palavras, enquanto são distintas e apresentam características específicas, produção e reprodução são necessariamente combinadas como momentos concretos de uma totalidade articulada. Reprodução é entendida aqui como o processo de reprodução da sociedade como um todo, ou em termos althusserianos, a reprodução das condições de produção: educação, indústria cultural, Igreja, polícia, exército, sistema de saúde, ciência, discursos de gênero, hábitos de consumo, etc. todos estes aspectos desempenham um papel crucial na reprodução de relações específicas de produção. Althusser notou em “*Idéologie et appareils idéologiques d’État*” que sem a reprodução das condições de produção, uma formação social não poderia se manter nem por um ano (ALTHUSSER, 1976) (ARRUZA, 2015, p.53-54).

Após marcar o significado da reprodução na totalidade social a autora faz uma advertência com respeito a necessidade de não se tomar a relação entre produção e reprodução a partir de uma lógica “mecanicista ou determinista”. Para ela, ao entender a sociedade capitalista como uma totalidade, Marx não necessariamente a entedia como uma totalidade “*expressiva*”, isto é, para o filósofo “*não existe uma relação automática ou de “reflexo” direto entre os diferentes momentos desta totalidade ou entre um momento particular e a totalidade como um todo*” (ARRUZA, 2015, p. 54).

Esse entendimento é fundamental para as investigações no campo do materialismo histórico dialético, haja vista que:

Uma análise do capitalismo que não entenda essa unidade entre produção e reprodução retrocede ao materialismo vulgar ou economicismo, e Marx não comete esse erro. Além dos escritos políticos, *O Capital* é a prova disso, como por exemplo nas seções sobre a luta pelas jornadas de trabalho ou sobre a acumulação primitiva (MARX, 1990). Nestas páginas, se pode ver claramente que a coerção, a intervenção ativa do Estado, e a luta de classes são, de fato, componentes constitutivos de uma relação de exploração que não é determinada apenas por leis econômicas e mecânicas (ARRUZA, 2015, p.54).

A esse respeito Arruza (2015) ainda complementa,

Estas observações permitem que destaquemos como a ideia de que Marx concebe o capitalismo apenas em termos econômicos é insustentável. Isso não quer dizer que não houve tendências reducionistas ou materialistas vulgares dentro da tradição marxista. Significa, entretanto, que estas tendências se basearam em uma má

compreensão fundamental da natureza da crítica marxiana da economia política e uma fetichização das leis econômicas, que foram concebidas antes como coisas estáticas ou estruturas abstratas do que como formas de atividade ou relações humanas (ARRUZA, 2015, p.54).

O modo como a reprodução social vai acontecer em determinada formação social tem que ver, com a maneira pela qual “*a produção e reprodução de sociedades são organizadas em sua totalidade*”, ou seja, “*com as relações de classe*” (Arruza, 2015).

É preciso ter em conta também que a esfera da reprodução social é um lugar determinante na formação das subjetividades, logo de relações de poder. E,

As relações múltiplas de poder de dominação, portanto, aparecem como expressões concretas de uma unidade contraditória e articulada que é a sociedade capitalista. Esse processo não deve ser entendido de forma automática ou mecanicista. Como já foi notado, não devemos esquecer a dimensão da práxis humana: o capitalismo não é uma máquina ou um autômato, mas uma relação social, e como tal, é sujeita a contingências, acidentes e conflitos. No entanto, contingências e conflitos não excluem a existência de uma lógica – nominalmente, a acumulação capitalista – que impõe limites objetivos não apenas à nossa práxis ou experiência vivida, mas também à nossa habilidade de produzir e articular relações com outros, nosso lugar no mundo, e nossas relações com nossas condições de existência (ARRUZA, 2015, p. 56-57).

Lukács ao fazer sua releitura de Marx irá buscar entender a “*construção social da subjetividade, da consciência que individualiza os sujeitos na sua constituição dialética*”, sem perder de vista, é claro, a dimensão da totalidade social, tal como assinala Bona Junior (2013). Este autor ainda ressalta que

É um grande desafio: por um lado, buscar elementos que permitam compreender o indivíduo em sua subjetividade e personalidade; por outro, evitar o subjetivismo radical, num esforço ontológico que reconheça o indivíduo como ser social... (BONA JUNIOR, 2013, p. 99)

Neste processo de formação do sujeito e construção do ser social, o corpo se coloca como um lugar de intersecção, acrescenta Bona Junior (2013).

Ainda sobre o lugar do corpo como base material no processo de formação humana, Pedrosa (2019, p. 23) assinala:

O homem então vai se desvencilhando das barreiras biológicas e naturais em direção ao campo social. Este processo é chamado de salto ontológico. Por meio dos sucessivos saltos ontológicos, propiciados pela reflexão da finalidade almejada, o “pôr teleológico”, o

homem se humaniza, vai se constituindo como ser social. Esta humanização não se dá em um vazio espacial, num mundo das ideias, mas sim em condições materiais de existência, nas quais o corpo possui importante relevância, ao ser a base material sobre a qual o homem interage com o mundo, sendo sede tanto das condições históricas e materiais de existência que o cercam como também interagindo com elas por meio do trabalho, e promovendo os saltos ontológicos capazes de afastar este mesmo corpo cada vez mais das bases biológicas na direção do social.

Contudo, tal processo não se dará de forma plena no sistema capitalista. Pedroso (2019), ainda complementa que: “*Se o trabalho, materializado numa base corpórea, é o elemento que permite a construção tanto da subjetividade humana quanto do mundo material, no capitalismo essa construção não se dá de modo completo*” (p.23). O mesmo autor recorre à Bona Junior (2013) para enfatizar que:

Nas formas capitalistas de trabalho, a construção da subjetividade humana não se dá de forma plena e emancipada porque a finalidade do ato é dissociada da intencionalidade prévia (pôr teleológico), ou seja, o resultado/produto do trabalho não é previamente planejado pelo trabalhador, e tampouco será de sua posse; As finalidades e os resultados são de posse de quem detém os meios de produção e as condições financeiras para comprar a mão de obra do trabalhador. O trabalho acaba por se tornar – assim como o corpo que o realiza – um bem de troca, uma mercadoria. (BONA JÚNIOR, 2013, p.118 *apud* PEDROSO, 2019, p. 23).

Ao abordar a formação para a diversidade sexual e de gênero no contexto da EPT, Pedroso (2019, p. 23) se manifesta:

A compreensão da dimensão ontológica do corpo, promovida por Lukács, torna necessário que na escola, os conteúdos sobre o corpo não se restrinjam às dimensões biológicas, e que ao se pensar em temáticas referentes a ele não se pense apenas em prevenção a doenças sexualmente transmissíveis ou gravidez na adolescência, numa perspectiva médica e sanitária, de proibições e negações, mas sim que o corpo seja entendido em sentido amplo, como local propositivo, de interação, através do qual o homem faz a mediação entre o histórico e o ontológico e constrói sua própria subjetividade e humanidade.

Ao se levar em consideração as condições de produção e reprodução da existência humana e também que o capitalismo se constituiu defendendo a exclusão e não a igualdade, compreende-se que a proposta de uma educação para a emancipação, idealizada no âmbito da EPT, deve compreender a formação para a diversidade e a inclusão daqueles que são oprimidos.

Sendo assim, a formação para a diversidade e a inclusão dos sujeitos LGBTI+<sup>1</sup> na EPT pode ser pensada nos marcos do materialismo histórico, se opondo a tudo o que fundamenta as diferentes formas de opressão, preconceito, discriminação e racismo. E neste sentido a teoria unitária se coloca como um interessante campo, que merece ser estudado.

### 3 DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E MÍDIAS SOCIAIS DIGITAIS

Para Bueno (2002), dentre as funções sociais de maior relevância para as instituições produtoras de ciência e tecnologia, deve estar o compartilhamento de saberes. A partir de sua experiência enquanto pesquisador e jornalista científico, o autor destaca a falta de atenção dada à divulgação científica, tanto nas instituições produtoras de C&T, como na indústria da comunicação.

Ao estudar o caso da Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, instituição de grande porte, com tradição na produção de C&T e na divulgação científica, Bevilaqua *et al*, (2021, p. 40) irão constatar que a maior parte das ações de divulgação científica promovidas pela instituição são presenciais. Estes autores assinalam:

O uso da internet na divulgação científica é um fenômeno crescente e vem ganhando espaço no campo. Na pesquisa de percepção pública da ciência realizada em 2015 (CGEE, 2017), a internet aparece como segunda principal fonte de informação da população brasileira, e entre jovens de 16 a 17 anos corresponde à principal fonte de informação. Na Fiocruz, essas ações correspondem ao grupo de terceira maior predominância entre cinco grupos de ações; portanto, é possível afirmar que se trata de campo ainda pouco explorado pela instituição (BEVILAQUA *et al*, 2021, p. 50).

O mapeamento e as reflexões apresentadas pelos autores apontam a necessidade de se investir em ações de divulgação por meio da internet, com atenção aos canais de vídeo e áudio e redes sociais, que são as subcategorias que constam com menos ações.

As evidências da pesquisa realizada por eles (BEVILAQUA *et al*, 2021) corroboram para reafirmar a relevância do presente estudo e da intervenção realizada no campo da divulgação científica por meio do uso das redes sociais digitais.

Sobre a utilização das redes sociais digitais para promover ações de divulgação científica, Barbosa e Sousa (2017, p. 287), se posicionaram:

Na atualidade, é impossível não pensar nas inúmeras possibilidades promovidas pela internet e em especial pela interatividade permitida

---

<sup>1</sup> No âmbito deste artigo decidiu-se adotar a sigla LGBTI+ ao invés LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, *Queer*, Intersexuais, Assexuais e outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero), por entender que no caso brasileiro ela daria conta de nominar a população de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Intersexuais e outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero.



pelas redes sociais digitais. Assim como o entretenimento ganhou espaço de grande impacto em mídias, tal como o Facebook, a produção científica também deve ter esse espaço ampliado.

De acordo com o relatório *comScore* de 2011, a popularidade das redes sociais *on-line* é gigantesca e o acesso a elas encontra-se entre as práticas mais populares do mundo (PRINCIPE, 2013).

O relatório *Digital 2021*<sup>2</sup> aponta que, dos quase 215 milhões de brasileiros, 160 milhões são usuários de internet e gastam diariamente, em média, mais de 10 horas na rede. Isto faz com que o Brasil fique bem acima da média mundial, que é de 6 horas e 54 minutos, e apareça atrás apenas das Filipinas no ranking mundial, como é possível verificar no Gráfico 2 (WE ARE SOCIAL e HOOTSUITE, 2021).

França (2015, p.12) irá destacar algumas vantagens da utilização da internet para a promoção da divulgação científica:

A divulgação científica, que não é uma atividade recente, apesar de tardia no país, sempre se deu pelos meios de comunicação, tais como televisão, rádio e jornais, e a presença cada vez maior da Internet no cotidiano dos indivíduos permite à Web modificar esse cenário, de forma que a divulgação científica passa também a ocorrer por meio da Web, de forma menos dispendiosa, com maior alcance e cada vez mais popularizada e, além disso, ela propõe um princípio de interação maior do que em outros meios.

Sendo assim, considera-se importante que as iniciativas de divulgação científica não fiquem alheias à realidade das tecnologias digitais da comunicação e utilizem cada vez mais as mídias sociais digitais.

### 3.1 A LIVE NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

O termo *live* é um estrangeirismo que, em língua portuguesa, equivale a ao vivo. No contexto da pandemia de covid-19, a utilização deste recurso comunicativo se tornou um fenômeno mundial, ao buscar amenizar um dos impactos da crise sanitária, qual seja, o distanciamento social.

Ao definir o conceito de live, Bezerra (2020, p. 74) esclarece que:

Na linguagem da internet, a *live* pode ser definida como uma transmissão ao vivo, em áudio e vídeo, a partir de redes sociais ou plataformas de *streaming*, com possibilidade de interação e ou de coparticipação entre os espectadores durante a própria

---

<sup>2</sup> O relatório é uma publicação anual organizada a partir de uma parceria entre a empresa inglesa We Are Social e a canadense Hootsuite, que figuram hoje entre as principais agências de marketing digital do mundo, com especialização em mídias sociais e atuação diversos países.

transmissão, realizada de modo ágil, sem necessidade de grandes investimentos ou de equipamentos muito especializados e, geralmente, em estilo mais descontraído e coloquial. Pode-se dizer, na verdade, que o formato representa uma releitura da chamada transmissão ao vivo (*live broadcasting*) difundida, inicialmente, pela televisão. Enquanto esta, nas origens, pautava-se na radiodifusão analógica, gerando conteúdos visuais e sonoros em tempo real, mas com custos elevados e dependentes de estrutura complexa, a internet utiliza-se da conexão digital, tornando o processo bem mais simples, flexível e ao alcance de seus usuários não só na recepção como na produção e difusão de conteúdos, o que ressignificou o próprio conceito de *live*.

Ainda que Lupinacci (2021, p.2) afirme que “*Nos últimos anos, todos os maiores conglomerados do capitalismo digital parecem ter percebido o potencial mercadológico do ao vivo, e passaram a incorporá-lo em seus sites e aplicativos*”. De acordo com Bezerra (2020), a partir de dados apresentados pela revista Exame, “*a explosão das transmissões ao vivo não tem precedentes*”. No Brasil, a partir de março de 2020, verifica-se um crescimento exponencial no interesse por *lives*. Somente no YouTube “*as buscas por conteúdo ao vivo cresceram 4.900%*”. Em abril do mesmo ano, no auge da pandemia, observa-se um pico na utilização do recurso *live*. Na sequência, em função de algumas medidas de relaxamento do isolamento social, constata-se um decréscimo no interesse dos internautas, contudo complementa Bezerra (2020, p. 74):

Ainda assim, tal gênero *on-line* continua bastante utilizado e tem se tornado muito popular, já incorporado ao vocabulário e às atividades cotidianas das pessoas, devendo permanecer como fonte de lazer, estudos e informação para as pessoas em todo o país.

Para Lupinacci (2021), a pandemia torna ainda mais complexas “*as nossas possibilidades de estar no mundo através das tecnologias da comunicação*” ao levar para o centro de nossas rotinas domésticas “*as experiências ao vivo digitalmente mediadas*”.

Ao que tudo indica, a intensificação no uso das mídias sociais digitais e de ferramentas como a *live*, experienciada no contexto da crise sanitária mundial vivida neste momento, é irreversível e continuará existindo e fazendo parte do tempo que tem sido designado por alguns como “o novo normal”.

Com a finalidade de facilitar a apresentação dos resultados da análise empreendida, Lupinacci (2021) sintetizou as principais características das *lives* em quatro categorias, conforme se pode verificar no quadro 1:

**Quadro 1:** Categorização das principais características das *lives*

Categorias	Descrição
Temporalidade	As <i>lives</i> tendem a enfatizar tanto seu caráter imediato ou instantâneo — tal como o rádio e a televisão (BOURDON,2000) — quanto aspectos como ineditismo e não reprodutibilidade, típicos das performances não mediadas tecnologicamente (PHELAN, 1993).
Espacialidade	As <i>lives</i> atuais tendem, por razões óbvias, em um contexto de isolamento social, a ressaltar seu caráter doméstico, tanto na transmissão quanto na recepção.
Realidade	Dimensão identificada como fundamental — o senso de <i>realidade</i> — é construída não pela ausência de mediação técnica, mas pela aparente falta de filtro, edição, pré e pós-produção, que confere a tais conteúdos um ar de rusticidade, espontaneidade e improviso.
Sociabilidade	O fenômeno das <i>lives</i> contemporâneas tem na <i>sociabilidade</i> seu último eixo fundamental. Por sociabilidade me refiro à sensação de experiência compartilhada; ao senso de coletividade criado e mantido mesmo em um contexto de afastamento físico.

Fonte: organizado pelo autor (2021), a partir do texto de Lupinacci, 2021, p. 11-12.

As três primeiras dimensões se articulam para promover, no espectador, a ideia de que a live precisa ser assistida no exato momento em que ela acontece, pois estar com os outros naquele momento seria um aspecto central da experiência do evento. E esse estar (ao) vivo, nos dias de hoje, se entrelaça diretamente com as possibilidades que as tecnologias digitais da comunicação nos proporcionam, cabendo a observação de que “*se a experiência tecnologicamente mediada pudesse entregar, em termos sensoriais, o mesmo que a experiência ‘pura’, não haveria razão para a incessante busca pelo imediato*” (LUPINACCI, 2021, p. 13).

O interesse por parte das plataformas de que consumo do ao vivo seja realizado é um importante aspecto mencionado pela autora. Pois, além de garantir um “*engajamento quantificável em tempo real*”, a prática reforça o lugar “*das mídias enquanto mecanismo privilegiado para o acesso imediato ao que de mais relevante acontece no mundo* (BOURDON, 2000; COULDRY, 2004)” (LUPINACCI, 2021, p. 14).

Ainda sobre os interesses mercantis das plataformas e à guisa da conclusão, Lupinacci, 2021, p. 14, se manifesta:

Tais questões vêm, há pelo menos uma década, sendo examinadas sob a ótica da economia política das mídias (VAN DIJCK 2013). Acredito, no entanto, ser necessário uma sensibilidade centrada na experiência para complementar e complexificar tais debates, a fim de alcançar um olhar a respeito de como, de fato, essas questões são vividas e percebidas. Nesse sentido, a *live* contemporânea pode ser entendida como mais do que conteúdo audiovisual ao vivo – é também todo um conjunto de práticas, crenças e percepções em torno de tais materiais. Por fim, se entendemos que relações espaciais são sempre socialmente produzidas e que, mesmo o espaço geográfico possui uma dimensão comunicacional (BALBI; FERRARA, 2018), então a proliferação de *lives* produzidas e consumidas a partir da sala de estar provoca também a emergência de novos ambientes para a comunicação, cujas especificidades certamente merecem um maior esforço de investigação empírica.

O presente estudo se coloca como um desses esforços de investigação empírica a que a autora se refere, buscando entender como esses novos espaços podem ser utilizados para a prática da comunicação e da divulgação científica no âmbito da EPT.

#### **4 PROGRAMA DE *LIVES CONEXÃO EPT BRASIL*: DIVULGANDO PRODUTOS EDUCACIONAIS SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO**

A idealização de um programa de *lives* que pudesse divulgar e dar visibilidade às pesquisas e aos produtos educacionais produzidos no âmbito do ProfEPT, como já mencionado, surgiu no contexto da pandemia da Covid-19. A ideia de aproximar e contribuir para a comunicação entre atores que integram a mesma rede, mas nem sempre estão próximos, deu origem ao nome do programa...

Para promover a divulgação e a realização do programa de *lives* Conexão EPT Brasil nas mídias sociais, foram criados: a) uma página no *Facebook*, por onde foram feitas as divulgações e as *lives*, objeto desta análise, e que contava, em 04 de julho de 2021, com 557 curtidas; b) um canal no *Youtube*, no qual as *lives* gravadas foram publicadas; c) um perfil no *Instagram*, no qual foram feitas divulgações sobre as *lives* e que contava, em 04 de julho de 2021, com 112 seguidores; e uma conta no *Twitter*, que acabou não sendo utilizada. A organização destes espaços virtuais e a confecção de todos os materiais de divulgação ficaram a cargo do pesquisador.

##### **4.1 DADOS PRODUZIDOS PELA *LIVE***

Para a divulgação da *live* abordada neste artigo foi produzido um *card* com informações sobre os eventos, conforme pode ser observado nas Figura 1:

Figura 1: Card de divulgação da live



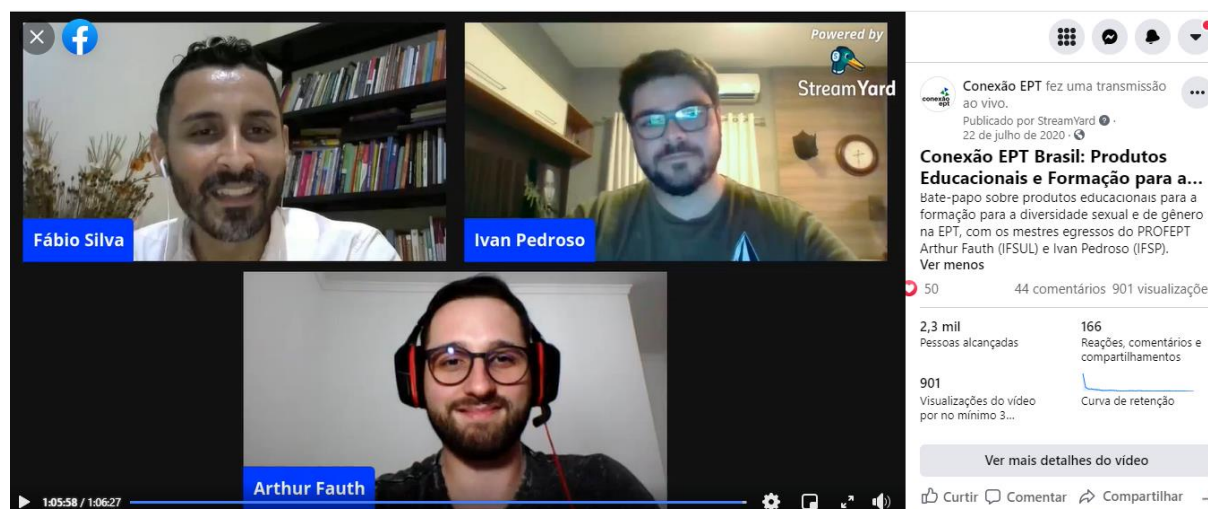
Fonte: facebook.com/conexãoeptbrasil, 2020.

Audiodescrição da Figura 5: Card de divulgação da live. Card colorido de fundo azul, informativo da primeira live do Conexão EPT Brasil. Percebe-se marca d'água azul-escuro na forma do mapa do Brasil. Centralizada no alto do card, a logo do Conexão EPT. Abaixo, o título da live escrito em preto: "Produtos educacionais e formação para a diversidade sexual e de gênero na Educação Profissional e Tecnológica". Alinhadas no centro do card, as fotos do convidado Arthur Fauth, do apresentador Fábio Silva e do convidado Ivan Pedroso. No rodapé, os dizeres: Live dia 22/07 - 20h (hora de Brasília), seguido do link: facebook.com/conexãoeptbrasil.

A transmissão sobre diversidade sexual e de gênero na EPT foi realizada pela página do programa de *lives* no Facebook, no dia 22 de julho de 2020, e teve a duração de 1 hora, 6 minutos e 28 segundos. A gravação encontra-se disponível desde então na mesma página e foi disponibilizada também no *Youtube* no dia 01 de setembro de 2020.

A Figura 2 é um *print* da gravação, na qual aparecem o autor deste trabalho e os pesquisadores convidados. Ao lado direito pode-se observar a apresentação de alguns dados sobre o alcance da transmissão, gerados pelo *Facebook*.

Figura 2: *Print* da gravação da *live*



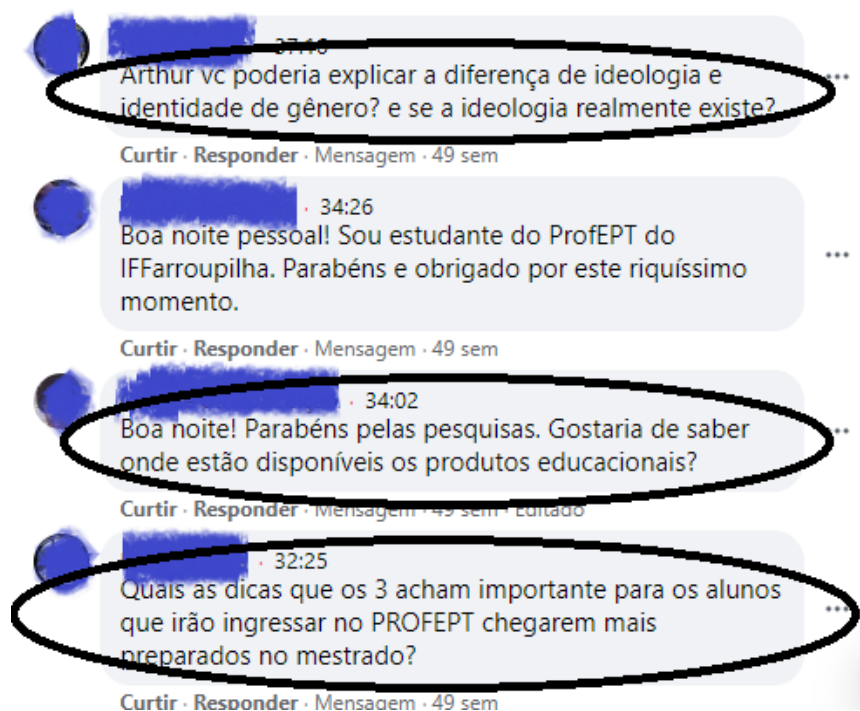
Fonte: [facebook.com/conexaoeptbrasil](https://www.facebook.com/conexaoeptbrasil), 2020.

Audiodescrição da Figura 8: *Print* da gravação da *live*. O *print* da tela mostra três "janelas" por onde se veem as imagens e os nomes do apresentador e dos convidados. Há duas "janelas" na parte superior da tela e uma na parte inferior. Nos cantos superiores da imagem, vemos as logomarcas do *Facebook* à esquerda e do *StreamYard* à direita. Na base da tela, vê-se a linha de reprodução do vídeo.

O convidado 1 é graduado em Filosofia e mestre egresso do polo do ProfEPT do IF..., campus..., e servidor administrativo da mesma instituição. Já o convidado 2 é mestre egresso pelo polo do ProfEPT do IF..., campus..., e ministra aulas de História e Artes nas redes públicas estadual e municipal, do estado de...

As questões que norteariam a conversa foram encaminhadas previamente para os convidados, mas como se tratava de uma transmissão ao vivo, a partir da interação com o público outras questões poderiam surgir e também seriam colocadas aos entrevistados. No caso desta *live*, tivemos outras perguntas propostas pelos espectadores, conforme é possível notar na Figura 3:

Figura 3: *Print* de comentários da *live*



Fonte: facebook.com/conexaoeptbrasil, 2020.

Audiodescrição da Figura 3: *Print* de comentários da *live* 1. A imagem demonstra a interação entre os espectadores e os participantes da *live*. Inclui saudações e questionamentos. Há quatro interações. Destas, três são perguntas e estão circundadas por uma fina linha preta. As identificações dos participantes do chat estão encobertas por uma marca azul.

Todas as perguntas dos espectadores foram lidas e respondidas durante a *live*. A primeira pergunta que aparece na Figura 3 diz respeito à questão política de grupos contrários à comunidade LGBTQ+, que, no Brasil, acabou por criar a designação equivocada “ideologia de gênero” para se referir às ações de educação para a diversidade sexual e de gênero. Ao responder à pergunta, o pesquisador indagado assinalou:

*Na verdade, a ideologia de gênero foi uma proposta política, né? E a gente sabe de ordens que vem. Não existe isso ideologia de gênero, onde se parte de ideias. (...) A ideologia de gênero é um campo político, onde tu tá dentro das ideias elaborando e daí se usa isso contra as pessoas de identidade de gênero fora do que é estabelecido. Então nós vamos ver pessoas falando: - Ah mas agora ele se veste mais de mulher por que ele está com essa ideologia de gênero, né? - Ah isso aí é para ensinar a ser gay...*

E foi complementado pelo outro pesquisador convidado:

*Eu acho engraçado, se a gente pegar a definição de ideologia da Chauí, vai falar da ideologia como um falseamento da realidade, uma realidade falsificada. Justamente quem acusa de existir ideologia de*

*gênero é quem faz o movimento ideológico. Por que a questão do falseamento vai partir da premissa de você estar aí afirmando que só existe homem e só existe mulher. Isto é o falseamento da realidade amplo, em vários níveis, no nível biológico, no nível cultural. Então esse falseamento parte de quem acusa nós, educadores, universitários de fazer a ideologia de gênero, mas o movimento ideológico vem de quem tá acusando, né?*

As falas dos pesquisadores nos fazem lembrar uma passagem de Kuenzer (2000, p.3), que diz:

Desnudar o caráter parcial e interessado das ideologias, como postulam os clássicos marxistas, ou proceder sistemática e rigorosamente à desconstrução da distorção comunicacional nas empresas e organizações sociais, destruindo a mentira por meio do discurso científico, como quer Dejours (1999, p. 135).

Ainda que realizada em um outro contexto, fazendo referência a uma proposta oficial de currículo para o Ensino Médio apresentada pelo governo na ocasião em que produziu o artigo, a afirmativa se mostra muito pertinente no contexto das reflexões sobre ideologia, insertadas pelas falas apresentadas.

Em resposta à segunda pergunta mostrada na Figura 3, feita por uma estudante do ProfEPT, postamos os links da plataforma EduCAPES, nos quais os produtos educacionais foram depositados. Já a terceira pergunta, feita por um candidato interessado em cursar o ProfEPT, teve como resposta, em linhas gerais, a recomendação de que o espectador se aprofundasse na bibliografia recomendada para a realização do Exame Nacional de Acesso (ENA), haja vista que ela integra as bases conceituais do ProfEPT.

Retomando as perguntas do roteiro que norteou o desenvolvimento da *live* 1, apresentamos uma reflexão a partir da categoria “*formação*”, que é uma das categorias de análise utilizadas no âmbito desta pesquisa.

Sobre a fundamentação teórica das pesquisas, passando pelas relações entre formação para o trabalho, na perspectiva do materialismo histórico, e formação para a diversidade, um dos pesquisadores participantes assim se manifestou durante a *live*:

[...] a questão de diversidade e a questão de gênero na minha pesquisa eu abordo, pego um referencial teórico na mesma base da educação profissional, procuro estudar gênero na perspectiva marxista também. Então essa relação se torna muito clara. A questão passa a ser: como que isso não tem a ver? (...) como você pode na Educação Profissional e Tecnológica procurar o rompimento com todas as ideologias dominantes, opressoras, em todos os aspectos, menos no de gênero e sexualidade? Então você aborda de uma maneira emancipadora todos os outros temas, mas gênero e sexualidade você mantém todos aqueles preconceitos, todas aquelas ideologias discriminatórias e que não têm impacto só em questão de discriminação, mas tem impacto em questões produtivas mesmo, do



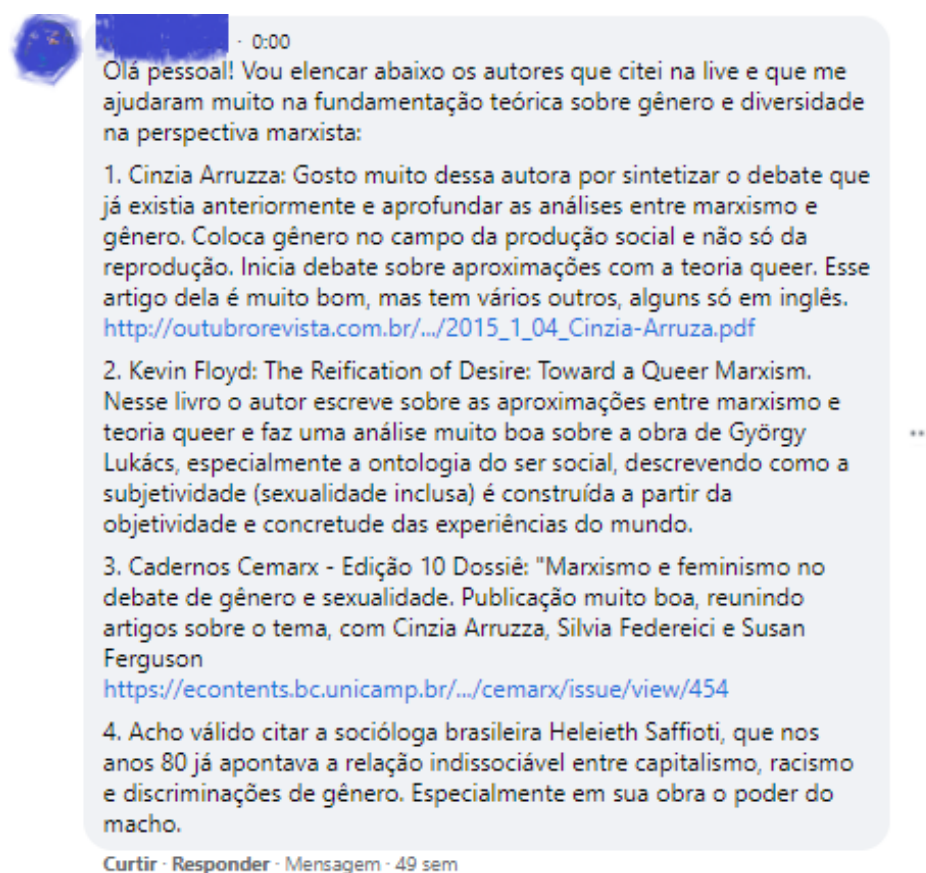
mercado de trabalho e da forma como se produz o mundo, né? Então se você vai se comprometer com a emancipação, com a educação omnilateral, que é outro conceito da EPT, você tem que se comprometer por inteiro e isso inclui, obviamente, as questões de gênero e sexualidade, né? (...) às vezes até dentro da própria esquerda vem aquela crítica: Ah isso é uma questão identitária! Não é a hora de priorizar. O principal é a luta de classes. A questão identitária a gente vai deixar para depois.

Na mesma linha de pensamento, o outro pesquisador participante se manifestou em relação ao significado que atribui à Omnilateralidade, categoria de conteúdo da Educação Profissional e Tecnológica, defendendo que a formação para autonomia não poderia se abster das questões identitárias.

*A formação Omnilateral conversada com Gramsci, conversada com Saviani, ela é o quê? Não é apenas a luta de classes... Não é só uma luta de classes, é uma identidade, autonomia e crítica. Então quando eu trabalho com a educação, eu tenho que formar um cidadão que seja assim. Que saia do campus Venâncio Soares, que saia do campus Catanduva, que saia do Colégio Pedro II se identificando e tendo a sua autonomia e a sua criticidade na sociedade que está em volta.*

Sobre as referências teóricas que fundamentaram as reflexões entre diversidade sexual e de gênero e o materialismo histórico, um dos pesquisadores ainda se manifestou por comentário, como demonstra a Figura 4, para apresentar aos espectadores uma interessante sistematização de indicações bibliográficas, que inclusive foram úteis a esta pesquisa.

**Figura 4:** *Print* de comentário de pesquisador da *live*



Fonte: facebook.com/conexaoeptbrasil, 2020.

Audiodescrição da Figura 4: *Print* de comentário de pesquisador da *live*.

A imagem demonstra a interação de um dos pesquisadores participantes da *live*. Ele informa as fontes bibliográficas que utilizou em sua pesquisa, comenta a respeito de cada uma em particular e inclui os links para acesso a algumas.

A identificação do pesquisador está encoberta por uma marca azul.

Em relação ao aspecto de intervenção na realidade, os pesquisadores convidados relataram a experiência de desenvolvimento e aplicação de seus produtos educacionais voltados para a formação para diversidade sexual e de gênero na EPT.

O produto educacional do pesquisador 2 foi desenvolvido a partir de oficinas realizadas com estudantes do Ensino Médio Integrado e tem por objetivo auxiliar educadores da EPT na formação para a diversidade. Sua capa pode ser conhecida na Figura 5, que apresentamos a seguir.

Figura 5: Capa de guia de sugestões

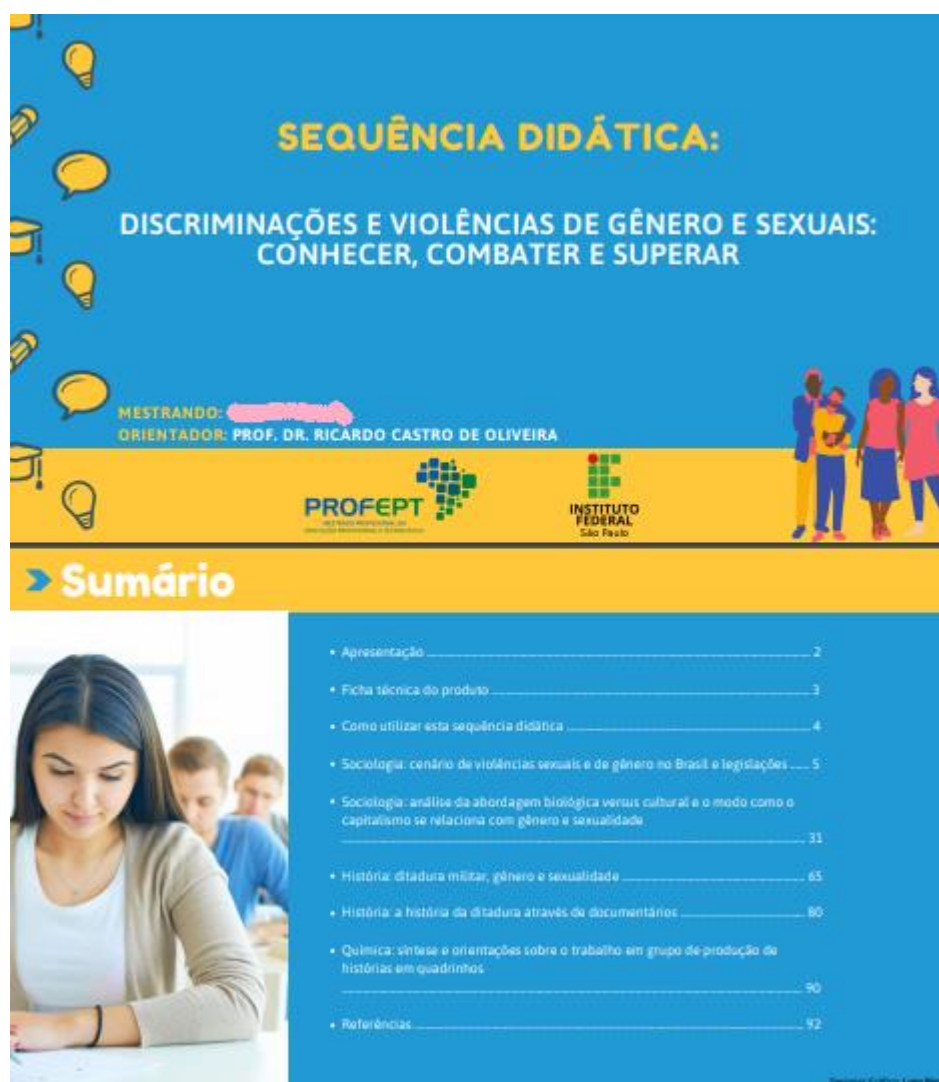


Fonte: FAUTH, 2019.

Audiodescrição da Figura 5: Capa de guia de Sugestões. A imagem reproduz a capa do Produto Educacional intitulado: Guia - Sugestões de oficinas sobre gênero e sexualidade. No lado esquerdo da capa, sobre fundo amarelo, observa-se o braço de uma pessoa branca, visto a partir do cotovelo. Ele está estendido, a mão está fechada com os dedos voltados para frente e o pulso está pintado com as cores do arco-íris (vermelho, laranja, amarelo, verde e violeta). No lado direito, sobre fundo rosa claro, um coração de papel nas cores do arco-íris está seguro entre os dedos de uma pessoa branca. Entre a parte amarela e a parte rosa, vê-se palavra "Guia" repetida cinco vezes, uma sobre a outra na vertical, escrita em letras brancas. Abaixo, dentro de uma faixa rosa, as palavras: "Sugestões de oficinas sobre gênero e sexualidade".

A sequência didática (SD) intitulada "Discriminação, violências de gênero e sexuais: conhecer, combater e superar" foi aplicada a turmas do Ensino Médio Integrado do campus e, como afirma Pedroso (2019b), tem o objetivo de inspirar educadores a trabalharem a temática "...em uma perspectiva crítica, analisando as relações entre esta temática e o modo de produção capitalista, buscando compreender as raízes dos problemas e as possibilidades de superação" (PEDROSO, 2019b, p. 2). Na Figura 6 apresentamos a capa e o sumário da Sequência Didática.

Figura 6: Capa e sumário de sequência didática



Fonte: PEDROSO, 2019b.

Audiodescrição da Figura 6: Capa e sumário de sequência didática. A imagem reproduz a capa e o sumário do produto educacional intitulado: Sequência Didática: Discriminações e violências de gênero e sexuais - Conhecer, combater e superar. Ambos têm fundo azul e as inscrições alternam as cores amarela e branca. A capa ocupa a metade superior do espaço. Na lateral esquerda veem-se ilustrações de lâmpadas, chapéus e balões de diálogos. No canto direito há um grupo de quatro pessoas. No rodapé há uma faixa amarela e as logomarcas do ProfEPT e do Instituto Federal de São Paulo.

O Sumário ocupa a metade inferior do espaço. Do lado esquerdo há uma foto de três estudantes sentados um atrás do outro.

## 4.2 DADOS PRODUZIDOS PELOS QUESTIONÁRIOS

Inicialmente buscou-se, por meio da aplicação de questionário, identificar como os pesquisadores convidados situavam o lugar ocupado pela temática de sua investigação (diversidade sexual e de gênero) no contexto das pesquisas em Educação Profissional e Tecnológica. As manifestações estão expressas no Quadro 2:

**Quadro 2:** Resposta à questão sobre o lugar da temática diversidade sexual e de gênero no contexto das pesquisas em EPT

<i>Pesquisador convidado 1</i>	<i>Acredito que a importância da temática de diversidade e gênero no contexto da Educação Profissional e Tecnológica é inversamente proporcional à quantidade de pesquisas e estudos na área. No campo de pesquisas em gênero e educação (em geral), há um campo relativamente grande, mas a maioria desses estudos é na perspectiva pós-moderna, no Brasil tendo como referência as obras de Guacira Lopes Louro. No campo específico da EPT, encontrei poucas pesquisas sobre gênero e sexualidade, e praticamente nenhuma abordando gênero e sexualidade na perspectiva marxista na EPT. Considerando os conceitos de educação politécnica e formação integral, é extremamente necessário e urgente a produção de mais estudos e implementação de práticas e políticas públicas sobre essas intersecções.</i>
<i>Pesquisador convidado 2</i>	<i>De extrema importância, tendo em vista, que a diversidade ocupa os espaços da EPT, mas, de muitas maneiras, não é dada a ela a visibilidade em equidade.</i>

Fonte: elaborado pelo autor a partir das respostas dos questionários aplicados, 2021.

Como é possível observar, os dois respondentes enfatizaram a relevância de se abordar a temática no contexto dos estudos da EPT. O pesquisador convidado 1 destacou a lacuna existente nos estudos sobre diversidade sexual e de gênero no campo da EPT, assinalando ainda que os poucos estudos existentes, de acordo com a pesquisa que realizou, não foram desenvolvidos na perspectiva marxista, que é a base dos estudos na EPT no Brasil, conforme demonstram Trein e Ciavatta (2009). O pesquisador 1 ainda apontou que as pesquisas sobre a temática em questão, no campo da educação em geral, estão baseadas na perspectiva pós-moderna, externalizando que considera necessária e urgente a produção de estudos, práticas e políticas públicas que promovam a intersecção entre os estudos sobre diversidade sexual e de gênero e as categorias de conteúdos da EPT.

Já o pesquisador 2 buscou justificar a relevância da realização das pesquisas, trazendo a dimensão da prática e ressaltando que “a diversidade ocupa os espaços da EPT”, nos permitindo inferir que esteja se referindo aos sujeitos LGBTI+ que habitam as instituições da EPT numa realidade não equitativa (“não é dada a ela a visibilidade em equidade”).

As duas respostas produzidas, reafirmam, em determinada medida, as posturas dos pesquisadores durante a transmissão da *live*.

A segunda questão proposta procurou mapear como, a partir do recorte temático de suas respectivas pesquisas, os convidados analisam a relação entre os estudos sobre diversidade e inclusão e as bases conceituais críticas (marxistas) utilizadas no ProfEPT. As análises produzidas pelos pesquisadores foram externalizadas conforme constam no Quadro 3:

**Quadro 3:** Resposta à questão sobre relação entre estudos sobre diversidade e inclusão e as bases conceituais marxistas

Pesquisador convidado 1	<i>É necessário inverter a percepção que considero dominante, entre os setores da esquerda, de que a temática de gênero e diversidade é algo meramente identitário, uma luta considerada até que importante, mas suplementar e acessória frente ao que é considerado central, que seria a luta de classes. Na esteira dos estudos de Cinzia Arruzza e outros pensadores marxistas, considero as questões de gênero e sexualidade entranhadas umbilicalmente ao capitalismo, tanto na esfera da produção quanto da reprodução deste modo de produção. O capitalismo incorpora essas opressões preexistentes ao seu modelo de funcionamento e dá a elas uma grande importância, de modo que se torna muito difícil imaginar o funcionamento do motor do capitalismo sem o pressuposto da exploração da raça e do gênero e de toda ideologia sobre modelos familiares decorrentes.</i>
Pesquisador convidado 2	<i>Tanto os estudos marxistas quanto os estudos sobre diversidade e inclusão apontam a educação crítica e autônoma como a principal forma de mudança da sociedade. Nesse sentido, ambos os estudos buscam a crítica à sociedade desigual em classes e a transformação da mesma através da luta e da educação omnilateral.</i>

Fonte: elaborado pelo autor a partir das respostas dos questionários aplicados, 2021.

É possível afirmar que, para os dois pesquisadores, a relação entre os estudos da diversidade e inclusão é compatível com as bases conceituais do materialismo histórico utilizadas no ProfEPT. O pesquisador convidado 1 recorre uma vez mais a Cinzia Arruzza, para localizar as questões de opressão de gênero e sexualidade na esfera de produção e não apenas de reprodução do capitalismo (ARRUZZA, 2015) e defender a realização de estudos sobre gênero e diversidade na EPT, a partir de uma fundamentação teórica marxista.

No que diz respeito à percepção dos pesquisadores e dos espectadores que assistiram à *live* em relação à adequabilidade da utilização de tal recurso para promover a divulgação científica sobre diversidade e inclusão na EPT, as respostas obtidas são as que aparecem no Quadro 4:

**Quadro 4:** Resposta à questão sobre adequabilidade do uso de *lives* para promoção da DC

Pesquisador convidado 1	<i>Considero muito adequado. Acredito haver uma enorme diferença entre o uso que costumeiramente se faz das plataformas como Facebook e YouTube e o seu potencial. Se, geralmente, no YouTube, o que se encontra são vídeos com discussões não aprofundadas, "não acadêmicas", há por outro lado, vários canais com conteúdo extremamente rico e interessante. Há vários cursos muito densos no canal da editora Boitempo, por exemplo. São</i>
-------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<i>conteúdos e pessoas aos quais eu dificilmente teria acesso se não fosse por essa ferramenta. O formato de lives, tão popular neste período de quarentena, também serve para aproximar quem está como "palestrante" e o público. O "especialista" mostra-se acessível, pode-se perguntar durante a live ou sentir-se mais à vontade para entrar em contato posteriormente. Tenho consumido bastante desse conteúdo, seja por vídeos ou lives, no Youtube ou Twitch da Sabrina Fernandes, por exemplo.</i>
Pesquisador convidado 2	<i>Sim, a principal vantagem é a acessibilidade dos indivíduos ao material, bem como a fácil divulgação e acesso.</i>
Espectador 1 – Estudante do ProfEPT	<i>A live, como uma forma de comunicação, se torna mais direta e pessoal, seja para os participantes que estão falando na live, seja para os que estão interagindo como telespectadores. O acesso aos pesquisadores, a possibilidade de realizar perguntas e compreender não apenas os resultados de pesquisa, mas seu desenvolvimento.</i>
Espectador 2 – Docente do ProfEPT	<i>Sim. Contribui para o maior alcance do debate sobre produção científica em EPT.</i>
Espectador 3 – Pessoa externa ao ProfEPT	<i>Acredito que a chegada a um público mais amplo e, principalmente, a possibilidade de assistir em qualquer momento posterior.</i>

Fonte: elaborado pelo autor a partir das respostas dos questionários aplicados, 2021.

Ambos os pesquisadores convidados consideram o formato *live* adequado para a realização da divulgação científica e deram destaque à acessibilidade, tanto no que diz respeito ao próprio conteúdo quanto à possibilidade de aproximação entre pesquisadores e público.

Da mesma forma, os espectadores também consideram a utilização da *live* adequada para promoção da divulgação científica. O docente espectador 3 fez uma ressalva, apontando para a necessidade de os espectadores irem às fontes teóricas, para não ficarem em um nível de conhecimento superficial.

Por fim, se indagou aos pesquisadores convidados e aos espectadores se a *live* havia contribuído para a divulgação científica sobre diversidade e inclusão na EPT.

A esse respeito, eles se manifestaram:

#### **Quadro 5:** Resposta à questão sobre contribuições da *live* para a DC na EPT

	<i>Acredito que a discussão sobre EPT, nas bases teóricas que o PROFEPT se propõe, é algo extremamente mal divulgado em todos os aspectos. Dentro do próprio campus em que atuo, boa parte dos professores, ou até mesmo equipe pedagógica, não possui um conhecimento muito aprofundado sobre a EPT em geral. O programa de lives conseguiu trazer pesquisadores e discussões extremamente importantes, com uma profundidade</i>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Pesquisador convidado 1	<i>que só encontrei em livros ou em seminários e palestras presenciais. Tudo de forma acessível a qualquer momento na internet. Sobre a divulgação de diversidade e inclusão, certamente contribuiu também, fazendo um bom debate sobre o tema no contexto da EPT, agregando pesquisadores e potenciais interessados na temática, sejam eles futuros pesquisadores ou profissionais que procuram modos de aplicar o tema em sala de aula.</i>
Pesquisador convidado 2	<i>Sim, dentro da EPT a abordagem do assunto da diversidade inclusão é importante, os conteúdos da EPT conversam sobre educação autônoma, crítica e que prepare o cidadão para transformar as realidades, tendo em vista esta intenção, logo, a contribuição na EPT é intrínseca aos conteúdos abordados pela mesma.</i>
Espectador 1 – Estudante do ProfEPT	<i>Compreender a EPT de modo mais ampliado passa também pela inclusão de seus diversos agentes, nas suas mais variadas formas. Dar base científica e visibilidade a esses movimentos de inclusão, não apenas potencializam, mas tornam mais concretos os objetivos da EPT.</i>
Espectador 2 – Docente do ProfEPT	<i>Sim. O alcance e a capilaridade das lives contribui para a difusão da produção em EPT nas diversas regiões do Brasil.</i>
Espectador 3 – Pessoa externa ao ProfEPT	<i>Sim. Acredito que é uma excelente forma de expor diversas atividades, trabalhos e conceitos a respeito da EPT.</i>

Fonte: elaborado pelo autor a partir das respostas dos questionários aplicados, 2021.

Os dois pesquisadores acreditam que o programa de *lives* Conexão EPT Brasil contribui para a divulgação científica sobre diversidade e inclusão. Em sua fala, o pesquisador convidado 1 enfatizou que as reflexões sobre EPT a partir das bases teóricas marxistas, tal como o ProfEPT se propõe, não são divulgadas a contento. A exemplificação da realidade, levando em consideração a instituição de EPT onde o pesquisador convidado 1 trabalha, dialoga com a análise realizada por Eliezer Pacheco, na transmissão em comemoração aos 111 anos da RFEPCT, promovida pelo programa de *lives* da EPT. Na ocasião, Pacheco assinalou que, com o advento da expansão da RFEPCT e a chegada de novos servidores, um desafio se coloca: o de formar esses quadros nas bases da EPT. Neste contexto, o programa de *lives* se coloca como uma, dentre as alternativas, para o enfrentamento do desafio mencionado. O pesquisador convidado 1 ainda ressaltou a qualidade do programa, equiparando o nível de aprofundamento das discussões que promove leituras e eventos acadêmicos presenciais. Sobre as contribuições para a divulgação científica sobre diversidade e inclusão, o convidado destacou a aproximação entre pesquisadores e futuros possíveis pesquisadores (parecendo-nos fazer referência a candidatos ao ProfEPT) e também educadores interessados na educação para a diversidade.



Para os três espectadores o programa contribui para a divulgação científica sobre diversidade e inclusão na EPT. Merecem destaques menções feitas à capilaridade da iniciativa e ao reconhecimento das bases científicas das discussões sobre diversidade e inclusão na EPT que ela confere.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o aporte teórico delineado e a análise dos dados empíricos produzidos a partir da realização da *live* e da aplicação dos questionários, procurou-se refletir sobre como um programa *lives* pode contribuir para a divulgação científica sobre diversidade e inclusão na EPT. Dentre os resultados destacam-se: a originalidade da iniciativa em relação à apropriação da ferramenta *live* para a promoção da divulgação científica, haja vista que a prática de utilização das mídias sociais digitais, entre as instituições produtoras de ciência e tecnologia no contexto da EPT, ainda é pouco difundida; o pioneirismo do programa de *lives*, no que tange ao recorte temático da divulgação científica, focada em conhecimentos e produtos educacionais voltados à formação para a diversidade sexual e de gênero e elaborados a partir das bases teórico-metodológicas marxistas, o que acaba também por contribuir para incentivar a produção de mais trabalhos científicos e tecnológicos com este viés; a visibilidade dada a trabalhos e produtos educacionais desenvolvidos por pesquisadores LGBTI+, no contexto da EPT; a dimensão educativa da prática da divulgação científica por meio das *lives*, que possibilita a aproximação e a interação entre quem produz e quem utiliza os conhecimentos e os produtos educacionais e evidencia uma ciência da diversidade, auxiliando na desconstrução de visões fetichizadas a respeito da produção de C&T (Ciência e Tecnologia); e a viabilização da conexão entre os atores do ProfEPT que pesquisam diversidade e inclusão em diferentes partes do país, auxiliando na objetivação do sentimento de rede de produção de conhecimentos e tecnologias.

A realização da pesquisa apontou como desafio para o futuro o desenvolvimento de investigações que possam ampliar, no contexto brasileiro da EPT, as produções sobre diversidade e inclusão a partir de referenciais marxistas e aprofundar as discussões sobre as mídias digitais sociais para a prática da comunicação e da divulgação científica.

## REFERÊNCIAS

ARRUZZA, C. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. **Revista Outubro**, n. 23, p. 33–56, 2015. Disponível em: [http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/06/2015\\_1\\_04\\_Cinzia-Arruza.pdf](http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/06/2015_1_04_Cinzia-Arruza.pdf) Acesso em: 01 jul. 2021.

BARBOSA, C. e SOUSA, J. P. Comunicação da Ciência e Redes Sociais: um olhar sobre o uso do *Facebook* na divulgação científica. In: *Cibercultura: circum-navegações em redes transculturais de conhecimento, arquivos e pensamento*. **Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade**. Universidade do Minho, Portugal, 2017. Disponível em:

[http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs\\_ebooks/article/view/2826](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2826) Acesso em 23 fev. 2021.

BEZERRA, G. F. O fenômeno das *lives* no Brasil em tempos da COVID-19: a acessibilidade comunicativa das pessoas cegas em perspectiva. **Revista Internacional de Comunicación y Desarrollo**. vol. 3, no. 13, p. 72–89, 2020. Disponível em: <https://revistas.usc.gal/index.php/ricd/article/view/7223> Acesso em 13 jul. 2021.

BEVILAQUA, D. V.; DA BARROS, H. S.; DA SILVA, L. C.; RODRIGUES FERNANDES, M. I.; LIMA, N. T. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, vol. 28, no. 1, p. 39–58, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/dw55VNymM5LzCd6kxrT95Wx/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 15 jul. 2021.

BUENO, W. C. Jornalismo científico como resgate da cidadania. In: . MASSARANI, Luísa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fátima. **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum de Ciência e Cultura, 2002. Disponível em: [http://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes\\_Educacao/PDFs/cienciaepublico.pdf](http://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/cienciaepublico.pdf) Acesso em: 18 fev. 2021.

BONA JUNIOR, A. O corpo na educação emancipatória da sexualidade: Uma análise das iniciativas do governo do Paraná (2003-2010). Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. SP: UNICAMP, 2013. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/253916/1/BonaJunior\\_Aurelio\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/253916/1/BonaJunior_Aurelio_D.pdf) Acesso em: 10 jul. 2021.

FAUTH, A.F. K. **Guia-sugestões de oficinas sobre gênero e sexualidade**. Produto Educacional. Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, IFSul, Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/560445> Acesso em 05 mai 2021.

FRANÇA, A. A. **Divulgação científica no Brasil: espaços de interatividade na Web**. Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade. Dissertação de mestrado. SP: UFSCar, 2015. 136 f. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7131/DissAAF.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 08 jun. 2021.

KUENZER, A. Z. Desqualificação e precarização do trabalho docente: efeitos da acumulação flexível. In: Aula inaugural para as turmas 2021 do ProfEPT. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jeTmyxDtj8U> Acesso em: 08 abr. 2021.

KUENZER, A. Z. O ensino médio agora é para a vida: entre o pretendido, o dito e o feito. **Educação e Sociedade**, ano 21, n. 70, p. 15-39, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/LGpgCTxWgVvB3DYzKVWFjwJ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 abr. 2021.

LUPINACCI, L. “Da minha sala pra sua”: teorizando o fenômeno das *lives* em mídias sociais. **Galáxia**, São Paulo, no. 46, p. 1–17, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/3B9LNCpBGMn8R7Ppw6vBHPH/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 03 jul. 2021.

PEDROSO, I. **Educação Profissional e tecnológica, gênero e sexualidade: uma sequência didática para o ensino médio integrado**. Programa de Pós-Graduação

em Educação Profissional e Tecnológica, IFSP, 2019. Disponível em:  
[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/vie wTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=7848121](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/vie wTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7848121) Acesso em: 21 abr. 2021.

PEDROSO, I. **Sequência Didática: Discriminações e violências de gênero e sexuais - Conhecer, combater e superar**. Produto Educacional. Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, IFSP, São Paulo, 2019b. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/553143> Acesso em: 21 abr. 2021.

PRINCIPE, E. Comunicação científica e redes sociais. In: ALBAGLI, Sarita (Org). **Fronteiras da Ciência da Informação**. Brasília: IBICT, 2013. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/1020/6/Fronteiras%20da%20Ci%C3%Aancia%20da%20Informa%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 10 fev. 2021.

TREIN, E.; CIAVATTA, M. A historicidade do percurso do GT Trabalho e Educação: uma análise para debate. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v.7, Suplemento, p. 15-49, 2009. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-77462009000400002](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462009000400002) Acesso em: 10 fev. 2021

WE ARE SOCIAL e HOOTSUITE. **Relatório Digital2019**. Disponível em: <https://www.pagbrasil.com/pt-br/insights/relatorio-digital-in-2019-brasil/> Acesso em: 23 fev. 2021.